

## REALISMO E REALIDADE: ALGUMAS PROPOSIÇÕES DE EÇA DE QUEIRÓS

Giuliano Lellis Ito Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho busca entender, através de algumas observações pontuais, a relação entre realismo e realidade em Eça de Queirós. Essa leitura visa compreender a mudança na forma do romance na última década do século XIX por parte do escritor, além de expor os problemas vinculados ao intento de produzir uma literatura calcada na observação do mundo como perspectiva de representação da realidade.

**Palavras-chave:** Eça de Queirós, Realismo, Realidade.

### REALISM AND REALITY: SOME PROPOSITIONS ABOUT EÇA DE QUEIRÓS

**ABSTRACT:** This paper tries to understand, through some punctual observations, the relationship between realism and reality in Eça de Queirós. This lecture want comprehend the change in the novel form on the last decade of XIX<sup>th</sup> century, and explain the problems linked with the intent to produce a literature based on the world's observation like perspective of representation of reality.

**Keyword:** Eça de Queirós, Realism, Reality.

A proposta deste artigo é alinhar algumas observações de Eça de Queirós sobre o realismo para entender a mudança de ordem na forma de seus romances. Além do romancista, também consideraremos alguns comentários de Antero de Quental, já que ambos buscam entender o pensamento por meio da apreensão do mundo.

De início, podemos começar pela apresentação do jovem Eça de Queirós, que, em 1871, mais especificamente em 12 de junho, expõe suas ideias sobre o realismo em um discurso incluído no ciclo das *Conferências do Casino Lisbonense*. Estas falas não foram conservadas na íntegra, o que nos abriga a resgatar suas observações através de artigos e comentários publicados nos jornais no calor da hora, para que, assim, se possa entender a opinião do escritor sobre o realismo nessa época.

Na recepção à conferência do romancista, percebemos a insistência na questão da observação como melhor forma de apreensão da realidade, assim o lemos no artigo de Alberto de Queirós, irmão do escritor: “observar os costumes no que eles têm de mais exacto, de mais real” (apud Berrini, 2000, p. 24). Neste caso, podemos perceber a afirmação de que a recriação artística da realidade depende da observação quase clínica das ações sociais.

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com a tese sobre *A Ideia de História no Último Eça*. E-mail: giuito@hotmail.br

Também, em outro artigo, este sem assinatura, sobre a conferência de Eça de Queirós apresenta-se a afirmação de que “[a literatura] começa a reagir contra o falso, pintando a realidade. O realismo é a arte do presente” (apud Berrini, 2000, p. 36). Neste ponto, temos o argumento de que o realismo é uma reação contra a falsificação, já que esta noção de literatura seria a arte da verdade, ou seja, a arte que reproduz a realidade em sua melhor forma.

Com estas duas apreciações da apresentação de Eça de Queirós sobre a literatura realista nas *Conferências do Casino*, podemos depreender que a nova literatura depende da observação atenciosa da realidade para que sua transposição para a linguagem artística não soe falsa. Desse ponto de vista, podemos destacar duas etapas:

1. a primeira diz respeito à matéria da arte, pois esta depende do presente e da experiência empírica;
2. a segunda diz respeito à linguagem, pois depende da transposição mais exata da realidade observada.

Nestas etapas notamos que a transposição da observação para a linguagem se dá sem problemas, a linguagem não é um empecilho, já que a realidade tratada de outra maneira exige uma escrita mais objetiva, principalmente se a contrapusermos à escrita “inchada” do romantismo.<sup>1</sup>

Passados alguns anos, depois da publicação de dois romances, *O Crime do Padre Amaro* e *O primo Basílio*, e por ocasião da republicação do primeiro, Eça de Queirós escreve um prefácio – que não é publicado com o romance, mas aparece posteriormente a sua morte, datado de 1879 – em que o realismo é defendido contra críticas emitidas sobre esses dois romances, além da acusação de plágio da obra de Émile Zola, *La faute de l'Abbé Mouret*. Mantenhamos nossa atenção sobre as condições do realismo e deixemos de lado as discussões sobre plágio. Vale destacar deste texto o apontamento de que “é, porém, diferente, penso eu, tratando-se dum romance de observação e de realidade, fundado em experiências, trabalhado sobre documentos vivos” (Queiroz, 1979, p. 908). Ainda, deste mesmo teor, ao final do artigo, o escritor português chama a atenção para o fato de que

---

<sup>1</sup> Como aponta dos artigos coligidos por Beatriz Berrini: “é a abolição da retórica considerada como arte de promover a comoção pela inchação do período, pela epilepsia da palavra, pela congestão dos tropos” (apud Berrini, 2000, p. 29).

# CARANDÁ

REVISTA DO CURSO DE LETRAS DO CÂMPUS DO PANTANAL – UFMS,  
CORUMBÁ, MS, NOVEMBRO 2011, N. 4, P. 167

o simples fato de ir ver Virgínia quando se pretende descrever Virgínia, é uma revolução na Arte! É toda a filosofia cartesiana: significa que só a observação dos fenômenos dá a ciência das coisas. (Queiroz, 1979, p. 916).

Nestes dois trechos citados, vemos a importância da observação como metodologia de trabalho do escritor realista, ou naturalista, pois há necessidade de se ter a experiência para se fazer uma descrição. Neste sentido, descrição não se limita ao modo descritivo do texto, pois este processo reveste-se da observação para tornar-se verdadeiro.

Ainda sobre a reedição de *O crime do Padre Amaro*, temos uma carta de Antero de Quental, principal responsável pela publicação da primeira versão na *Revista Ocidental*, que rendeu rugas e desavenças entre Eça de Queirós e o poeta. Nesta carta, o missivista, depois de ler a segunda edição do romance, aponta que

agora está V. [Eça] na região serena da contemplação pura das coisas, cheio de longanimidade, imparcial vendo só os homens e os corações dos homens, pelo interesse que neles há, pela verdade natural, e não como argumentos para teses. Isto, quanto a mim, é o que é verdadeiro realismo. (apud Berrini, 1992, p. 208).

Nesta carta, ao menos no trecho destacado, notamos que é mantida a importância que a observação tem para a produção do romance, já que, do ponto de vista do leitor, neste caso Antero de Quental, o romance deixa transparecer a realidade natural das coisas.

Se levarmos em conta a relação entre observação, ponto crucial neste primeiro momento do realismo, e transposição artística do real, temos que a primeira é responsável pela representação da verdade, e, se a verdade das coisas está ligada ao mundo, obtemos que verdade é realidade, portanto o realismo representa através da observação o mundo em si.

Num segundo momento, em prefácios a livros de amigos, Eça de Queirós faz alguns apontamentos sobre o realismo/naturalismo, como no prefácio ao *Brasileiro Soares* de Luiz de Magalhães, em que Eça de Queirós aponta para a qualidade do escritor e destaca que “o seu livro [...] tem a realidade bem observada e a observação bem exprimida – as duas qualidades supremas, as que se devem procurar antes de tudo na obra de Arte” (Queiroz, 2000, p. 1808). Neste caso, ele aponta as categorias seguidas pelo escritor e a atualidade de seu livro, fato que nos deixa entrever dois pontos para o julgamento, a observação e a transposição desta para o escrito.

Em outro prefácio, neste caso aos *Azulejos* do Conde Arnoso, o romancista afirma “que o Naturalismo consiste apenas em pintar a tua rua como ela é na *sua* realidade e não

como tu a poderias idear na tua *imaginação*” (Queiroz, 2000, p. 1795, *destaque do autor*). Neste ponto apresenta-se a relação que a realidade guarda com o *eu*, já que a pintura da obra de arte depende da *sua* realidade. Aqui, já se pode perceber que a representação através da observação não dá conta de toda a realidade envolvida, além de destacar que o processo de criação da arte realista desprezava o “ruído” que havia entre observador/mundo e matéria observada/produto textual.

Ambos os prefácios são datados de 1886, com uma pequena diferença de tempo (*Brasileiro Soares* de 21 de maio e *Azulejos* de 12 de junho), mas apresentam um contraste quanto à noção de realismo, já que no primeiro texto temos a confirmação de preceitos apresentados anteriormente, enquanto no segundo somos sutilmente expostos ao problema de que a observação situa-se no particular, condição que não permite dar conta da realidade inteira que o romance tenta representar.

Passando adiante, notamos que em *A Correspondência de Fradique Mendes* fica perceptível uma mudança na representação de Eça de Queirós. Isso é destacado por Carlos Reis quando aponta que este romance “representa [...] uma superação de estratégias literárias e métodos críticos ditados pelo Realismo e pelo Naturalismo” (Reis, 2001, p. 199). É justamente neste romance que encontramos uma carta, deste personagem para Antero de Quental, problematizando a observação. Esta passagem chamou a atenção de A. Campos Matos que a intitulou de *alegoria do nevoeiro*, afirmando que neste ponto Fradique Mendes “pretende demonstrar as limitações da nossa capacidade de ajuizar e discernir a realidade que vemos” (Matos, 1993, p. 425).

Antes de vermos os argumentos de Fradique Mendes, precisamos entender os pressupostos de uma carta endereçada a Antero de Quental, afinal este breve excerto de carta citada na primeira parte do romance faz menção ao pensamento do poeta. Dessa maneira, como um primeiro exemplo destacamos a abertura do perfil feito por Eça de Queirós para o *In Memoriam* do amigo:

Em Coimbra, uma noite, noite macia de abril ou maio, atravessando lentamente com as minhas sebatas na algibeira o Largo da Feira, avistei sobre as escadarias da Sé Nova, romanticamente batidas pela lua, que nesses tempos ainda era romântica, um homem, de pé, que improvisava. (Queiroz, 2000, p. 1761).

Este homem era Antero. As referências ao Romantismo, com sua noite e sua lua, demonstram mais do que o homem, expõe a impressão que o jovem Eça teve do poeta e mais tarde amigo.

Passando a outros pontos deste perfil, ressaltamos um comentário do escritor sobre a inteligência de Antero de Quental,

a sua inteligência, como ele depois contava, toda penetrada do Naturalismo, que era a atmosfera onde se desenvolvera, só lhe oferecia a solução naturalista – só lhe podia afirmar que a Vida, na sua forma empírica, é a luta obscura de forças obscuras. (Queiroz, 2000, p. 1775).

Neste ponto, o pensamento de Antero é representado pelo empirismo, pela apreensão do real através de sua observação. Porém, em artigo publicado na mesma revista que o Fradique Mendes de Eça de Queirós, *A Revista de Portugal*, Antero pretende entender as *Tendências da Filosofia na segunda metade do século XIX*. Neste ensaio, ele problematiza a realidade, como se pode perceber nas linhas retiradas deste ensaio:

sendo realista tem de aceitar esses elementos taes como se lhe apresentam, sem indagar se n'essa idéa immediata que d'elles fórma não haverá porventura alguma grande illusão, se ella não envolve algum fundo problema ontologico, que lhe escapa. (Quental, 1890, p. 186).

Deste ponto de vista, encontramos o contraste entre a particularidade da apreensão do real pelo homem e a verdade que excede a condição humana. Quer dizer, a observação somente permite ao homem enxergar o que esta dentro das condições físicas, já que a totalidade inapreensível permanece extrínseca ao ente.

Afora esta problemática da apreensão da realidade pelo homem, também outro empecilho surge, pois ainda afirma que “o segredo sublime das coisas gaguejado n’uma linguagem deficiente e barbara, cheia de lacunas e obscuridades” (Quental, 1890, p. 5). Aqui temos a linguagem qualificada como ineficiente, incapaz de traduzir a realidade das coisas, por isso quando se faz a transposição da realidade observada para linguagem, torna-se inevitável o surgimento de lacunas e obscuridades.

A partir destas observações podemos notar duas questões sobre a apreensão da realidade. Numa primeira etapa, a observação, que era encarada como ponto fulcral do romance realista/naturalista, é questionada através da limitação da visão do homem, pois esta

se encontra impossibilitada de apreender a totalidade das coisas, já que a totalidade só possível se idealizada. Numa segunda etapa, a linguagem é apresentada como empecilho, pois ela não possui a propriedade inerente de se refazer a realidade, já que a transposição para a escrita caracteriza-se pela tradução, o que não permite a recriação efetiva do observado.

Essas mesmas questões surgem na criação de Eça de Queirós, quando digo criação, penso na constituição de um personagem que não possui materialidade, mas possui uma existência discursiva indiscutível, Fradique Mendes, personagem quase heteronímico.

A princípio vale ressaltar um trecho de carta, destacada pelo narrador enquanto recompunha a vida do poeta das *Lapidárias*, esta carta é endereçada a Antero de Quental, nela o missivista observa que

Todo o fenômeno, pois, tem, relativamente ao nosso entendimento e a sua potência de discriminar, uma Realidade — quero dizer certos caracteres ou [...] certos *contornos* que o limitam, o definem, lhe dão feição própria no esparso e universal conjunto, e constituem o seu *exato, real e único* modo de ser. Somente o erro, a ignorância, os preconceitos, a tradição, a rotina e sobretudo a Ilusão, formam em torno de cada fenômeno uma névoa que esbate e deforma os seus contornos, e impede que a visão intelectual o divise no seu *exato, real e único* modo de ser. (Queiroz, 1997, p. 92).

Aqui temos que a condição humana com suas características inerentes figura como um “ruído”, uma *névoa*, que não permite perscrutar a realidade em sua forma mais exata. Quanto a isso, o missivista continua e constrói uma imagem que ilustra este processo, retornamos então à *alegoria do neveiro*,

É justamente o que sucede aos monumentos de Londres mergulhados no neveiro... Tudo isto vai expresso dum modo bem hesitante e incompleto! Lá fora o sol está caindo dum céu fino e nítido sobre o meu quintal de convento coberto de neve dura: neste ar tão puro e claro, em que as coisas tomam um relevo rígido, perdi toda a flexibilidade e fluidez da tecnologia filosófica: só me poderia exprimir por imagens recortadas a tesoura. Mas você decerto compreenderá, Antero excelente e sutil! Já estive em Londres, no outono, em novembro? Nas manhãs de neveiro, numa rua de Londres, há dificuldade em distinguir se a sombra densa que ao longe se empasta é a estátua dum herói ou o fragmento dum tapume. Uma pardacenta ilusão submerge toda a cidade — e com espanto se encontra numa taverna quem julgara penetrar num templo. Ora para a maioria dos espíritos uma névoa igual flutua sobre as realidades da vida e do mundo. Daí vem que quase todos os seus passos são transvios, quase todos os seus juízos são enganos; e estes constantemente estão trocando o Templo e a Taverna. Raras são as visões intelectuais

# CARANDÁ

REVISTA DO CURSO DE LETRAS DO CÂMPUS DO PANTANAL – UFMS,  
CORUMBÁ, MS, NOVEMBRO 2011, N. 4, P. 171

bastante agudas e poderosas para romper através da neblina e surpreender as linhas exatas, o verdadeiro contorno da Realidade. (Queiroz, 1997, p. 92).

A condição colocada por Fradique dificulta a visão, levando ao engano, pois segundo ele há um paralelo entre o homem imerso no nevoeiro e o homem imerso no mundo moderno, já que ambos têm sua visão obstruída, o que dificulta, se não impossibilita, observar a realidade. Se lembrarmos da atitude do jovem Eça que defendia a observação como meio para criar o romance realista, temos, neste ponto, uma problematização desse método, já que, neste caso, a realidade observada aparece incompleta, enganosa, pois a visão encontra-se obstruída.

Fradique Mendes coloca outra questão sobre o realismo, a linguagem, pois quando afirma que “o verbo humano, tal como o falamos, é ainda impotente para encarnar a menor impressão intelectual ou reproduzir a simples forma dum arbusto... Eu não sei escrever! Ninguém sabe escrever!” (Queiroz, 1997, p. 112). Ele está pensando na relação que o signo guarda com o mundo em si, o que nos faz lembrar a definição de Saussure de que

o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário.* (SAUSSURE, 2000, p. 81).

Fazendo um paralelo com a citação de Antero de Quental sobre a linguagem, podemos notar a intuição desses dois artistas em perceber que o mundo das coisas não pode ser traduzido completamente pela linguagem, pois ela guarda em sua estrutura uma relação arbitrária.

O caminho percorrido por minha argumentação foi o de buscar, nos primeiros anos do realismo em Portugal, algumas ideias expressas por Eça de Queirós para que pudéssemos entender as convenções defendidas naquele momento. Pelo que vimos, havia uma contraposição entre o que era produzido até então como literatura e o projeto da Geração de 70, o cerne desta contraposição estava na observação do cotidiano como meio para obtenção de matéria para arte. Ainda se contrapunham quanto a forma de escrita, a retórica, pois quando se pensava em linguagem a proposta era de substituir a retórica romântica, que os partidários do realismo caracterizavam como inchada, por uma escrita mais sóbria. Porém, com o passar dos anos, a posição de Antero e Eça muda, fazendo com que eles enxerguem a realidade de maneira mais complexa, o que os leva a questionar a relação direta que a observação mantinha com a realidade, num primeiro momento, isso os leva a substituir esta

visão por uma mais complexa, em que problematizam justamente a apreensão do mundo pelo homem, pois reconhecem que a realidade do mundo não é apreensível em sua completude. Esta problematização exige que eles reformulem o modo de representar a realidade: Antero opta por escrever ensaios filosóficos, enquanto Eça modifica a forma de seus romances.

Os romances de Eça de Queirós passam a ter uma forma calcada na complexidade narrativa, ao invés de narradores objetivos e impessoais dos primeiros romances, o escritor produz narradores com posições precárias, como é exemplo a função de Zé Fernandes, narrador de *A Cidade e as Serras*, ou do narrador sem nome de *A Correspondência de Fradique Mendes*, ou, ainda, a condição que o narrador de *A Ilustre Casa de Ramires* ocupa no último capítulo, em que o protagonista, que seguiu durante toda a narrativa, se ausenta e faz com que o narrador tenha que seguir núcleos de personagens secundários.

Desses três romances, a estrutura que mais chama a atenção é a de *A Correspondência de Fradique Mendes*, pois neste romance, além de apresentar uma estrutura na forma de uma dissertação científica, uma introdução situacional, biográfica, e uma seleção de documentos. Além disso, o romance tem em sua contrução um personagem que possui um estatuto de realidade, algo semelhante com os heterônimos de Fernando Pessoa. Esta condição do personagem permite pensarmos na relação que o mundo guarda com a linguagem, pois se o signo é arbitrário, este permite a criação de entes sem posição material no mundo, já que a relação que o significado mantém com o significante não possui parâmetro exato.

Se pensarmos na separação entre a observação, ainda que ela seja relativizada, e a linguagem que vai representá-la, temos um realismo ingênuo pautado somente no observável, que não leva em conta a condição primeira de que não é possível a compreensão do mundo sem que seja pela linguagem. Porém, ainda assim, se mantém a questão de como conciliar a suposição de um mundo idêntico para todos os observadores se não é possível acessá-lo se não mediado pela linguagem.

Desse ponto de vista, a observação do mundo não permite a apreensão total da realidade, pois, se tivermos em mente a ideia de que mundo e linguagem são dois elementos separados, se o mundo existe independente da linguagem, quer dizer que qualquer exposição sobre o mundo será incompleta, por causa da descontinuidade intrínseca da relação.

Porém, se tivermos que o mundo já se encontra linguisticamente estruturado, teríamos que a apreensão do mundo através da observação não atingiria a totalidade, mas seria a única apreensão possível dele (Cf. Habermas, 2004, p. 8).



Ao que parece, as leituras de Eça de Queirós e Antero de Quental, na década de 1890, aproximam-se do que Habermas chama de questão epistemológica do realismo, ou seja, existe um mundo independente de nossas descrições, mesmo que nosso acesso somente seja possível através da linguagem. Por isso, quando Antero escreve seu artigo para a *Revista de Portugal* sobre as tendências da filosofia na segunda metade do século XIX, ele está preocupado em entender a filosofia, definida por ele como “a equação do pensamento e da realidade, n’uma dada phase de desenvolvimento d’aquelle e num dado periodo de conhecimento d’esta” (Quental, 1890, p. 7). Com isso, se percebe a relação entre o pensar e o mundo na filosofia de Antero de Quental, pois somente através da possibilidade de entender a relação entre pensamento e realidade é possível pensar na história da filosofia.

De outra forma, Eça de Queirós chega à relação entre realidade e pensamento, pois quando escreve a Clara,

e já estou tentando recontinuar ansiosamente, por meio deste papel inerte, esse inefável *estar contigo* que é hoje todo o fim da minha vida, a minha suprema e única vida. (Queirós, 1997, p. 161)

em que se percebe a descontinuidade entre a experiência e a produção textual sobre a experiência.

Neste sentido, temos que o realismo de Eça de Queirós – penso essencialmente no romancista, porque as obras de Antero de Quental não refletem sobre a forma do romance realista – na última década do século XIX é repensado no sentido de que linguagem passa a ocupar o lugar central da reflexão sobre a realidade, ao invés de defender a causa de escola, ou o realismo.

## REFERÊNCIAS

BERRINI, Beatriz. “Antero de Quental e Eça de Queirós: correspondência inédita”. In: *Colóquio/Letras*. Lisboa, nº123/124, janeiro-julho, pp. 201-211, 1992.

HABERMAS, Jürgen. “Introdução: realismo após a virada da pragmática lingüística”. In: \_\_\_\_\_. *Verdade e justificação: ensaios filosóficos*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, pp. 7-60.

MATOS, A. Campos. “Filosofia e personagens”. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª Ed. Lisboa: Caminho, 1993.

QUEIROZ, Eça de. “A correspondência de Fradique Mendes”. In: \_\_\_\_\_. *Obra Completa, vol II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, pp. 53-216.

# CARANDÁ

REVISTA DO CURSO DE LETRAS DO CÂMPUS DO PANTANAL – UFMS,  
CORUMBÁ, MS, NOVEMBRO 2011, N. 4, P. 174

QUEIROZ, Eça de. “A Nova Literatura: o Realismo como nova expressão da arte”. In: \_\_\_\_\_.  
Literatura e Arte: uma antologia. Lisboa: Relógio d’Água, 2000, pp. 21-39.

QUEIROZ, Eça de. “Prefácio ao *Brasileiro Soares de Luiz e Magalhães*”. In: \_\_\_\_\_. *Obra Completa, vol III*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, pp. 1804-1809.

QUEIROZ, Eça de. “Prefácio aos *Azulejos do Conde de Arnoso*”. In: \_\_\_\_\_. *Obra Completa, vol III*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, pp. 1791-1803.

QUEIROZ, Eça de. “Um gênio que era um santo”. In: \_\_\_\_\_. *Obra Completa, vol III*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, pp. 1761-1787.

QUEIROZ, Eça de. Idealismo e realismo. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas, vol. III*. Porto: Lellos & Irmão, 1979, p. 907-916.

QUENTAL, Antero de. Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX. *Revista de Portugal*. Porto, Editores Lugan & Genelioux, 1890, vol. II, pp. 5-20; pp. 149-171; pp. 281-306.

REIS, Carlos. Eça de Queirós do Romantismo à superação do Naturalismo. In: \_\_\_\_\_ (dir.). *História da Literatura Portuguesa, vol. 5*. Lisboa: Publicações Alfa, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.